

MANIFESTAÇÕES PRÓ-IMPEACHMENT DE 2016 SOB ENFOQUE DISCURSIVO: ANÁLISE DA ESTRUTURA E DO ACONTECIMENTO

*2016 PRO-IMPEACHMENT MANIFESTATIONS FROM A DISCURSIVE FOCUS:
ANALYSIS OF THE STRUCTURE AND OF THE EVENT*

Anísio Batista Pereira¹

Éderson Luís Silveira²

RESUMO

O presente texto “especialmente” se ocupa de articulações presentes em uma obra em específico, O Discurso: estrutura ou acontecimento, de Michel Pêcheux, além de outras, para analisar a fotografia de um instante específico na qual é possível perceber a atualização de uma memória discursiva atrelada ao afastamento de um indivíduo na condição de presidente da República do Brasil. A atualidade remete a um acontecimento singular que se filia a outros discursos e filiações históricas que funcionam através da alteração e desestabilização do passado ao qual os sentidos estão atrelados. É possível concluir que a estrutura (materialidade linguística) e o acontecimento (história) se fundem na constituição do enunciado. É o encontro entre passado e presente que promovem tal acontecimento com condições de produção singulares associadas a efeitos de sentido específicos relacionados a instâncias as quais os enunciados se articulam.

Palavras-chave: discurso; memória discursiva; estrutura; acontecimento.

ABSTRACT

The present text “especially” deals with articulations present in a specific work, The Discourse: structure or event, by Michel Pêcheux, in addition to others, to analyze the photograph of a specific moment in which it is possible to perceive the updating of a memory discourse linked to the removal of an individual as president of the Republic of Brazil. Nowadays it refers to a singular event that joins other discourses and historical affiliations that work through the alteration and destabilization of the past to which the senses are linked. It is possible to conclude that the structure (linguistic materiality) and the event (history) are fused in the constitution of the statement. It is the encounter between past and present that promote such an event with unique production conditions associated with specific meaning effects related to instances in which the statements are articulated.

Keywords: discourse; discursive memory; structure; event.

INTRODUÇÃO

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É membro pesquisador do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF/UFU/CNPq). E-mail: pereira.anisiobatista@ufu.br

² Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É membro pesquisador do Grupo Formação de Professores de Línguas e Literatura (FORPROLL/CNPq) e do Grupo de Estudos Michel Foucault e os Estudos Discursivos (UFAM/CNPq). E-mail: ediliteratus@gmail.com

A Linguística passa por várias ramificações ao longo de seus estudos, cada qual direcionado a partir do esquadramento teórico-epistemológico de um objeto de estudo específico, muitas vezes compartilhado entre áreas distintas, mas sob abordagens diferentes, nos mais diversos campos teóricos em que a Linguística pode se desdobrar. Uma das subáreas desse campo do saber é a análise do discurso de linha francesa tomada sob a égide das proposições de Michel Pêcheux e autores adjacentes.

Pensando nessa problemática sobre a o funcionamento da linguagem, a considerar o âmbito do suporte teórico da Análise do Discurso Francesa (doravante AD), o presente artigo apresenta por objetivo analisar, de modo a refletir, uma materialização das manifestações pró-impeachment ocorridas em 2016. Dessa maneira, uma fotografia se constitui nosso recorte, da mídia digital, para tal análise, possibilitando a compreensão de que tal recorte integra o arquivo dessas mobilizações disponíveis na rede digital. De início, faremos uma problematização sobre a perspectiva teórico-analítica adotada e, em seguida, a análise, norteando as discussões para as considerações finais.

1. UM PASSEIO PELO SUPORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

O trabalho sobre o sentido que considera um batimento de descrição e interpretação não dicotomiza essas instâncias. Tais gestos de leitura são empreendidos no contexto de um relançar indefinido de interpretações que consideram o fato linguístico do equívoco atravessado pela ordem do simbólico. Isso porque descrever, segundo Pêcheux (2008), se torna indiscernível do ato de interpretar considerando que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de se tornar outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2008, p. 53). Não é a toa que os enunciados ou séries de enunciados se constituem como um aglomerado de pontos de deriva e é justamente aí que trabalha o analista do discurso.

Nessa teoria que surge na década de 1960 na França e, a partir de 1980, no Brasil, Pêcheux apresenta várias abordagens epistemológicas, tendo em vista as diferentes áreas do saber que contribuem para seus estudos e por se tratar do nascimento de uma teoria que ora se propunha. Silveira e Fátima (2018) mencionam que ao utilizar pressupostos da análise do discurso pecheutiana ocorre uma circunscrição no aparato teórico-metodológico a fim de mobilizar conceitos da teoria ao qual se filia no momento de utilização desta como ferramenta de análise a fim de analisar discursivamente o corpus em questão. Dessa forma, o recorte teórico que nos interessa para este estudo parte de um questionamento elaborado desde o título de um

livro de Pêcheux intitulado *O discurso: estrutura ou acontecimento?* cujas reflexões serão realizadas teoricamente e, em seguida, através da análise de uma fotografia recortada da internet sobre as manifestações favoráveis ao *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, que ocorreram em 2016, será então efetuado o batimento descritivo-interpretativo de cunho analítico associado à teoria mencionada.

É importante situar que no início do livro mencionado anteriormente, Pêcheux vai mencionar uma historieta na qual é narrado que havia um marxista empenhado em construir sozinho uma biblioteca. Através de tal acontecimento, Pêcheux situa o fato de que durante um longo tempo os marxistas acharam ser capazes de construir tudo por si mesmos.

As dificuldades tinham começado com a confusão entre parafuso, rosca e porca. Todos sabem, entretanto, que o sistema de base genérico-sexual da tecnologia elementar implica, como princípio estrutural, que as roscas e as porcas se casam. Mas reinava a esse respeito uma estranha confusão no marxismo: assim, o velho marxista tinha absoluta convicção de estar equipado de parafusos celibatários marxistas, quando na verdade não dispunha senão de roscas... sem porcas (PÊCHEUX, 2008, p. 15-16).

A retomada da historieta anteriormente mencionada não se dá por acaso. A AD se constitui como uma disciplina de entremeio desde o instante em que considera o contexto como não sendo reduzido a uma espécie de acompanhamento linguístico, mas constituído a partir de uma natureza não positivista que introduz um viés associado ao materialismo histórico (ORLANDI, 2014, p. 35). Como os analistas do discurso de linha pecheutiana não partem apenas de uma espécie de parafuso ou de uma rosca “sem porca” na qual as descrições e interpretações sejam efetuadas, tal disciplina de entremeio se caracteriza por um domínio epistemológico na qual estão relacionados sujeitos, linguagem, história e ideologia (PÊCHEUX, 1997b). Os “encaixes” epistemológicos são constituídos de tal modo nesta disciplina de entremeio que o analista do discurso não parte de um “encaixe” homogêneo e tranquilizador. Há três campos com os quais a AD debate e se debate: a Linguística, a Teoria das Ideologias e a Psicanálise (PÊCHEUX, 1997a).

É preciso situar que *Estrutura ou Acontecimento* foi apresentado na Universidade de Illinois Urbana-Champaign em julho de 1983 em ocasião da conferência intitulada “Marxismo e Interpretação da Cultura: Limites, Fronteiras, Restrições”. A obra mencionada foi selecionada justamente pela riqueza discursiva que acreditamos ser um terreno fértil para a problematização desses conceitos a partir de tal *corpus*.

[...] diremos que o gesto que consiste em inscrever tal discurso dado em tal série, a incorporá-lo a um “corpus”, corre sempre o risco de absorver o acontecimento desse discurso na estrutura da série na medida em que esta tende a funcionar como transcendental histórico, grade de leitura ou memória antecipadora do discurso em questão (PÊCHEUX, 2008, p. 56).

Não se pode esquecer que no âmbito da Linguística, há um movimento que torna este campo dinâmico e passível de desdobramentos diversos de inúmeras espécies de manifestações e singularidades. Desse modo, a projeção de tal disciplina na história permitiu o avanço de perspectivas teóricas que trouxeram contribuições específicas acerca do conhecimento do objeto de estudo da Linguística. Não é a toa que Orlandi (2014) vai mencionar que a AD “trabalha no espaço de contradições que se forma na relação entre estas diferentes linhas: é uma disciplina de entremeio” (ORLANDI, 2014, p. 10).

Em *Estrutura ou Acontecimento* as palavras do autor nos convocam a problematizar o discurso, na perspectiva proposta, considerando-se a materialidade linguística (repetível) e a história, que não se repete, embora considerando que o discurso diz respeito dos dois objetos. Essa menção que pode parecer apressada é apenas com a intenção de sublinhar a tônica deste trabalho que toma como ponto de partida esses dois conceitos para a análise. Essa não repetibilidade da história nos leva à noção de enunciado e de enunciação num contexto em que o primeiro pode até se repetir, mas a segunda não. Assim, uma vez que o sentido está ligado às condições de produção, diremos que a enunciação, já que não se dá em um mesmo momento histórico, não seja passível de repetição.

O teórico abordado nos convida também a refletir sobre o acontecimento discursivo, tomando a rede de memória como parte integrante para a constituição dos sentidos. Esse aspecto traz à tona a relação de um enunciado com outros enunciados já produzidos (FOUCAULT, 2008); no entanto, esse aparecimento de enunciados passados no presente da enunciação assumem outros sentidos, funcionam como efeito de memória. Essa premissa sustenta a ideia de que acontecimento discursivo seja o encontro do arquivo com a atualidade. Tal instância se dá a partir da repetição. Pierre Achard (2007) menciona acerca da relação entre a repetição e a memória discursiva:

É preciso admitir esse jogo de força simbólico que se exerce no reconhecimento do mesmo e de sua repetição. Por outro lado, uma vez reconhecida essa repetição é preciso supor que existem procedimentos para estabelecer deslocamento, comparação, relações contextuais. É nessa colocação em série de contextos, não na produção das superfícies ou da frase tal como ela se dá, que vemos o exercício da regra. De outro modo, é engendrado, a partir do atestado discursivo, paráfrases, a considerar com

derivações de possíveis em relação ao dado, que a regularização estrutura a ocorrência e seus segmentos, situando-os dentro de séries. O que desempenha nessa hipótese o papel de memória discursiva são as valorizações diferentes, em termos, por exemplo, de familiaridade ou de ligação a situações, atribuídas às paráfrases, que entretêm então, graças ao processo controlado de derivação, relações reguladas com o atestado. Na hipótese discursiva [...] a memória não restitui frases escutadas no passado, mas *juízos de verossimilhança* sobre o que é reconstituído pelas operações de paráfrases (ACHARD, 2007, p. 16, grifo nosso).

Servindo-se das formulações de Foucault, Pêcheux reformula o conceito de formação discursiva, elemento que consideramos pertinente para esta abordagem. Nessa perspectiva, afirma-se que toda formação discursiva é povoada de outras, constituindo na denominada heterogeneidade discursiva e, assim, do caráter heterogêneo do sujeito. No entanto, é preciso entender que a noção de acontecimento traz consigo a noção de singularidade, que se manifesta por meio da repetição mas se dá historicamente e se materializa por meio da língua (considerando-se também que o enunciado pode ser não verbal). A junção entre a materialidade linguística e a história, pelas redes de memória, atribui certa complexidade conceitual, provocando uma desestabilização na lógica do discurso, possibilitando a compreensão de que o discurso não é simplesmente estrutura nem somente acontecimento.

No contexto da enunciação é válido destacar as duas dimensões ligadas ao sujeito: a língua e a história, levando em conta que o sujeito se constitui historicamente pelas práticas discursivas. “Assim, nosso procedimento permite, ao mesmo tempo, caracterizar fatos de língua, conhecer proposições de sujeitos históricos e sua consciência linguística, ou seja, considerar as marcas enunciativas copresentes no efeito de língua que constitui o acontecimento” (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1989, p. 69).

A rede de memória pode ser entendida como o reflexo das relações discursivas, a partir do entrecruzamento de diferentes produções que se dão em momentos distintos, contribuindo-se para os efeitos de sentido. Memória discursiva e interdiscurso se confundem nesse processo, cuja metáfora pode ser elencada como elemento relacional que cristaliza a heterogeneidade discursiva.

Nessa perspectiva, o interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade torna-se desde então seu princípio de funcionamento: *é porque* os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a *uma outra* formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente (PÊCHEUX, 2011, p. 158, grifos do autor).

É evidenciada então a relação entre formações discursivas distintas no interior do discurso, em que a importação de um discurso para a constituição de outro se desestabiliza por meio da história, tendo em vista o momento histórico vigente da enunciação. Assim, se uma sequência é inserida em outra cujas formações discursivas são diferentes, o acontecimento vem à tona, pela história. Estrutura e acontecimento se fundem no interior do enunciado, bem como se percebe no enunciado a seguir.

2. ANÁLISE DESCRITIVO-INTERPRETATIVA DO *CORPUS*

Partindo para a análise, a fotografia recortada (Recorte 1), como se percebe, apresenta linguagem verbal e não verbal, cujo conjunto dos elementos possibilita adentrar pelos conceitos operacionais de estrutura e acontecimento, pelo passado que é resgatado, não apenas em se tratando do ano de 2016, mas também pelo seriado referido e representação do Congresso pela repetição da letra L. Vejamos a fotografia:



Recorte 1³: Manifestação pró-impeachment-2016

O enunciado formulado no cartaz apresenta um discurso relevante para uma abordagem à luz dos objetos língua e história, isto é, estrutura e acontecimento. Embora sucinto, e não as considerando como dicotomia, as linguagens verbal e não verbal condicionam um caminho para análise, pois o trabalho de analisar discursos sempre ocorre em meio a derivas, tendo em vista que os sentidos não são fixos, apontando para outras possibilidades, pelas redes de memória

³ Disponível em: <<https://fabioabr.wordpress.com/>>. Acessado em 18 nov. 2018.

presentes no seu discurso. Trata-se de uma das várias manifestações favoráveis ao afastamento da então presidente Dilma Rousseff, que veio a se consumar em 2016.

A materialidade do enunciado “Fora Dillma”, expressão que viralizou nas redes sociais com a explosão das manifestações, com o aval da grande mídia, apresenta a repetição da letra L em sua grafia, recorrendo a discursos relacionados ao ex-presidente Fernando Collor, que sofre *impeachment* em 1992 ou em referência aos “cara-pintadas”, podendo fazer significar que eles estariam de volta. O acontecimento desse enunciado se dá à medida que esse arquivo é trazido para a atualidade, isto é, momento histórico de 2016, cujo efeito de sentido aponta para um cenário que poderia levar ao afastamento presidencial, assim como ocorreu em 1992. O efeito que o cartaz sugere é a prática de corrupção, sendo essa a motivação do afastamento presidencial de 1992.

Ainda no que tange à materialidade linguística de “Dillma”, as letras repetidas e justapostas apresentam cores verde e amarela, em conformidade com o figurino dos manifestantes, que além de fazer alusão às cores da bandeira brasileira, referem-se, no contexto da enunciação, à ideologia de direita política. Essas letras sugerem ainda um efeito de representação das torres do Palácio do Congresso Nacional, sede do governo federal ao qual o enunciado faz referência.

No que concerne à interdiscursividade, em que o enunciado é povoado de outros enunciados, o efeito metafórico acontece no discurso do cartaz, de acordo com as considerações de Guilhaumou e Maldidier (1989), quando aborda tal relação discursiva, possibilitando percebê-la no sentido de heterogeneidade discursiva. Como reforço à referência ao afastamento presidencial de 1992, o enunciado “Anos Rebeldes” sublinha a ideia de uma situação que poderia levar ao *impeachment* em 2016. Sendo título de uma minissérie global exibida coincidentemente no mesmo ano do fato político ocorrido com Collor, o efeito ideológico demarca a situação histórica na política brasileira na atualidade da enunciação.

A referida minissérie, escrita por Gilberto Braga, contou com vinte capítulos e faz alusão aos livros “1968 – O ano que não terminou”, de Zuenir Ventura, e “Os Carbonários”, de Alfredo Sirkis. Nesse contexto, o teor político se faz presente na obra, influenciando a vida dos personagens, que faz referência, inclusive, à Ditadura Militar, tempos assombrosos presentes nessa teledramaturgia que serve como pano de fundo para representar o momento político de 2016. No entanto, vale destacar que tais manifestações apresentam seu início em momentos anteriores ao ano referido, a partir de 2014 esses movimentos ganham sustento, tendo como suporte o aval da grande mídia.

Além disso, “Próximo capítulo”, assim como o conjunto do enunciado que se refere ao seriado global, recorre à metáfora em relação ao desenrolar de um folhetim e a sequência dos fatos a ocorrerem para a consumação de uma retirada presidencial. O sujeito enunciator assume a posição favorável ao *impeachment*, este seria então o próximo acontecimento na linearidade dos acontecimentos políticos.

Outro elemento se torna passível de ser situado: o último enunciado onde se lê “Ass: povo brasileiro” apresentado na cor amarela sugere um remetente para os enunciados anteriores. A assinatura se dá a partir de um esquecimento constitutivo: não se trata de referenciar a totalidade de pessoas que compõem a nação brasileira, mas os que apoiaram tal reivindicação enquanto sujeitos situados histórica, cultural e politicamente. Trata-se de assinar, fazendo com que o enunciado não tenha um sujeito neutro, diferente de “On a gagné” (Ganhamos) que Pêcheux mobiliza relacionando a neutralidade do enunciado ao grupo dos que acreditavam que a esquerda não fosse vencer na França em meados de 1981 e os que acreditavam que fosse ocorrer associando, inclusive, a constituição do enunciado com os efeitos de outra instância: a torcida em segmentos esportivos que comemora a vitória.

No caso da assinatura em questão os que reivindicam estabelecem a ativação de uma memória discursiva que os considera revolucionários como os caras-pintadas do passado. A utilização do substantivo e do adjetivo pátrio em questão promove um efeito de hierarquização: a parcela da população que, no caso, foi às ruas, seria hierarquicamente mais engajada que a parcela da população que não foi às ruas. Como todo enunciado é passível de tornar-se outro, é preciso atualizar a memória discursiva acerca dos caras-pintadas para que tal inscrição promova um efeito de criticidade sobretudo naqueles que se engajam em tal manifesto. A contingência histórica, porém, dos caras-pintadas e dos que se dizem manifestantes na atualidade do instante em que se deu tal imagem se distancia e é preciso que seja esquecido o efeito demonizador de regimes liberalistas em governos de esquerda ou populistas. Logo, os motivos para o *impeachment* não foram explicitados materialmente e mesmo o cenário cerceador que se constituiu em relação a então presidente em meio a negligências de processos que corriam simultaneamente no julgamento de outros políticos no senado federal não são sequer recordados.

A presença da memória discursiva é resgatada na materialidade linguística, pois menciona um seriado com título sugestivo e o afastamento de um presidente, ambos de 1992. Esses enunciados já produzidos no passado são desestabilizados, tendo em vista que funcionam na atualidade da enunciação como efeitos de memória, considerando-se que o momento

histórico seja outro e que os sentidos são alterados. É preciso que se situe uma especificidade: a viabilização da divulgação de atos pró e contra o impeachment não teve o mesmo destaque na mídia. Houve em edições de jornais televisivos da época e jornais impressões e virtuais uma cobertura exponencialmente mais extensa que aquela relegada à divulgação de atos contrários ao impeachment.

Desse modo, tal detalhe não pode passar despercebido visto que se quem assina o cartaz na imagem é “o povo brasileiro” na prática trata-se, conforme já mencionado, de uma parcela da população que saiu às ruas em favor do *impeachment*, embora o efeito seja de totalidade, bem como de um aparato midiático e conspiratório complexo no qual o povo brasileiro caracteriza apenas uma instância. Ironicamente, a utilização das cores da bandeira nacional – amarelo e verde – antecipa um evento que veio a seguir: a eleição de um presidencial que se utilizou dos mesmos subterfúgios para exalar uma aparente familiaridade com uma suposta necessidade de resgatar valores nacionais. Eleito sob o slogan “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”, Jair Messias Bolsonaro é empossado presidente em janeiro de 2019.

É importante destacar tais elementos porque um enunciado não existe sem estar ligado a filiações históricas que o constituem e conferem a ele condições históricas de legitimidade perante sujeitos enovelados nas malhas do poder que permeia o bojo das relações humanas (FOUCAULT, 1979). Fica então mais tranquilo afirmar que a fotografia de um instante que está sendo analisada remete a um contexto específico, a apagamentos constitutivos do enunciado, a ativação de memórias discursivas que atuam na manifestação do empenho de valorar positivamente a manifestação pró-impeachment. Assim como não se trata da totalidade de pessoas que constituem o povo brasileiro também o uso das cores da bandeira assinalam a acentuação de um suposto patriotismo e nacionalidade reverberados através das ações dessa parcela da população em contraposição aos “não-nacionalistas” contrários ao impeachment. Nessa perspectiva e de acordo com as palavras de Pêcheux (2008), é possível afirmar que há, no enunciado da manifestação em análise, a estrutura (materialidade linguística) e o acontecimento (história) que se fundem na sua constituição. Assim, o encontro entre o passado e a atualidade provoca esse acontecimento. Embora contenha enunciados pertencentes a outras formações discursivas, suas condições de produção o tornam singular, com efeitos de sentido próprios da época vigente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo visou trazer uma análise descritivo-interpretativa acerca da discursividade materializada em uma fotografia que retrata um instante relacionado ao contexto

das manifestações favoráveis ao impeachment da então presidente da república Dilma Rousseff. Após a apresentação do referencial teórico-metodológico conclui-se que a atualização da memória discursiva implica na observação do enunciado analisado enquanto estrutura e acontecimento discursivos que ao mesmo tempo em que rememoram o passado o fazem não em relação a um acontecimento, mas a partir de (des)legitimações do dizer no terreno das paráfrases efetuadas.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. Memória e Produção Discursiva do Sentido. In: ACHARD, Pierre;
- DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni Puccinelli. **Papel da memória**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução e Organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Da enunciação ao acontecimento discursivo em Análise de Discurso. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989, p. 61-70.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Ciência da Linguagem e Política**: Anotações ao Pé das Letras. Campinas: Pontes, 2014.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). GADET, Françoise; HAK Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Tradução Bethania S. Mariani et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a, p. 61-162.
- PÊCHEUX, M. Metáfora e interdiscurso. In: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 151-161.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b.
- PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.
- SILVEIRA, Éderson Luís; FÁTIMA, Wellton da Silva de. Humanidades e a (des) ordem legislativa: análise do discurso do utilitarismo em sugestões sobre cursos universitários. **CADERNOS DO CNLF (CIFEFIL)**, v. XXII, p. 545-563, 2018.

Artigo recebido em: 01/05/2019

Aprovação final: 28/09/2020

DOI 10.35501/dissol.vi11.588